

# O INSÓLITO EM RICARDO DICKE

Madalena MACHADO

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Doutora em Literatura Brasileira pela Sorbonne - França. Professora e Pesquisadora na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

E-mail: madaglae@yahoo.com.br

## **Resumo**

Na leitura crítica da obra de Ricardo Dicke recortamos especificamente a categoria do insólito enquanto inadequação dos modos de ver e sentir a vida. Romances e contos ainda pouco conhecidos do grande público são nossa matéria prima para discussão do pensamento poético desta produção ficcional. Estranhamento, incompreensão neste contexto dão o tom de uma literatura que é, sobretudo, conhecimento. O insólito que é também excêntrico na nossa pesquisa, adere inclusive aos pressupostos da pós-modernidade segundo a qual, o híbrido, descontínuo e incerto formatam o texto literário na tangência de um mundo vincado na diferença.

## **Palavras-Chave:**

Insólito; narrativa; Ricardo Dicke; pós-modernidade.

O escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) tem uma produção literária que se destaca no cenário nacional pelo seu teor poético. Narrativas que se concentram em entender o mundo, excluía a convenção racional, despertam a atenção, sobretudo por sua qualidade estética. A forma, aparentemente convencional envolve um conteúdo que se cerca do insólito para fazer olhar com uma maior acuidade o que se passa à volta, no interior do homem. Romancista agraciado por inúmeros prêmios literários, a começar com o *Walmap* de 1967, cujo corpo de jurados era composto por Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antonio Olinto, Ricardo Dicke passou do estágio de promessa no campo literário para se tornar uma realidade ainda pouco explorada nos meios acadêmicos. Neste sentido, este artigo pretende uma abordagem com o elemento do insólito em romances e contos até o momento publicados do escritor cuja literatura é compreendida em termos universais<sup>1</sup>. O que denominamos insólito nesta produção literária é o que foge ao convencional, perturba o senso comum, não cabe numa explicação lógica e coloca seres ficcionais a refletir no entremeio entre passado, presente e futuro.

Do encurtamento da distância estética até a reflexão que rompe com a imanência da forma, conforme destaca Adorno (2003, p. 60)<sup>2</sup>, a literatura de Ricardo Dicke prepara um caminho feito de silêncio e solidão para envolver as criaturas ficcionais e levá-las a sair do corriqueiro e adentrar na suspensão do desconhecido. Por isto é muito comum observarmos em enredos como *Madona dos Páramos* em que os personagens estão em fuga de uma cadeia de Cuiabá, adentram no sertão mato-grossense em busca de um local chamado Figueira-Mãe, sem saber a direção, sequer se o lugar existe. Mesmo depois de se certificarem que estão perdidos, os fugitivos não recuam, não tomam outra decisão além de prosseguir mesmo com a sensação de andarem em círculos. Destacamos que o insólito se instala nesta e em várias outras narrativas com o abandono dos afazeres rotineiros, do lado prático da vida e mergulham no desconhecido como se se jogassem num abismo sem temer a profundidade. Disso vem o vigor do sentido poético, original, o que inaugura um novo modo de entender a vida, sem as amarras da objetividade.

A expressividade na literatura de Ricardo Dicke denota uma preocupação em entender o que ele várias vezes denomina de mistério, abismo, solidão, noite, esquecimento grafados com iniciais maiúsculas para prender o leitor na teia narrativa. Passar a questionar, indagar sobre as experiências, as próprias atitudes, parece ser o ponto de partida para se cercar dos sentidos produzi-

<sup>1</sup> Até o momento temos os seguintes livros publicados de Ricardo Guilherme Dicke: *Deus de Caim* ([1968] 2006a); *Caieira* (1978); *Madona dos Páramos* ([1981] 2008); *Último horizonte* (1988); *Cerimônias do esquecimento* (1995); *Rio abaixo dos vaqueiros e O salário dos poetas* (2000); *Toada do esquecido & Sinfonia equestre* (2006b) e *Os semelhantes, Cerimônias do sertão, A proximidade do mar e O velho moço e outros contos* (2011).

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor. "Posição do narrador no romance contemporâneo". In: *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003

dos no texto ficcional dickeano. O que no jargão pós-moderno se chama de excêntrico, provoca na narrativa em questão a sensação de não pertencimento ou o de estranhamento conforme já propugnava os formalistas russos do início do século XX. Para além da perplexidade ou da excitação que tal sensação provoca, temos em histórias de gente comum uma reflexão muitas vezes despercebida se não houver uma aquiescência para o que vem de dentro, numa subjetividade em ebulição.

Vejamos como isto ocorre nas narrativas curtas *Toada do esquecido* & *Sinfonia equestre*. No primeiro, temos personagens que roubaram todo o ouro de um garimpo chamado “O esquecido” e estão em fuga para chegar à Vila Bela (primeira capital de Mato Grosso); era época de carnaval e passando por um baile, eles roubam também as máscaras e sob as ordens do líder, El Diablo, são obrigados a usá-las durante o dia. No meio da narrativa, o leitor descobre que o líder é uma mulher que a cada um mata de forma impiedosa pela posse do ouro e ao final sucumbe perante a própria ambição. Zabud, mestre Gepeto, o Cavaleiro, todos antes de morrer expõe a história de vida pregressa, a ambição em mudar de vida com a posse do ouro, enfim suas misérias e alegrias de um tempo em que tudo era bem explicado. Juntos e ao mesmo tempo estranhos uns aos outros, a morte os ronda, os impele ao inesperado pelas mãos de uma mulher – o diabo – que os comanda, seduz e lhes rouba a vida. A carga de estranheza vem do peso que se tornou o ouro em suas vidas, a ausência de percepção do ritmo diferenciado da existência, feito uma toada que se esquece e é preciso lembrar para sentir, viver na forma mais humana possível num mundo repleto de impossibilidades.

Em *Sinfonia equestre* temos uma perseguição, uma busca por vingança que aplaque o ódio sentido pela protagonista Janis Mohor. Outra Diadorim que quer se vingar da morte do pai, Janis é casada com Jan mas estranhamente, ambos se mantêm virgens. Ela age como se o que desse sentido à sua vida fosse muito mais a satisfação ou o apaziguamento de espírito só possível com a morte do turco Taric Muza, o assassino de seu pai, Hildebrando Mohor. No meio do caminho vingador encontra Belizário, uma espécie de refrigerio da alma, por instigar a sensibilidade da personagem. À semelhança do que encontramos em *Toada do esquecido* no qual a protagonista é quem canta para o inebriamento dos demais personagens, Janis Mohor na Sinfonia é a personagem que perfaz o sentido de si ao ouvir o som da diversidade. Depois da morte do pai se vê em meio às contradições da vida; recebeu uma valiosa herança que deixa de ter valor, não é feliz e a vida parece não ter mais sentido. Diante dos questionamentos de Janis sobre a existência, a morte, o destino e as pessoas, é inevitável o encontro com o abismo, pois as respostas não existem e a dor é parte do crescimento interior da personagem. Outro fato interessante que o autor aborda no conto é a negação dos padrões a serem seguidos. Não existem mais os ditames acerca de como agir ou comportar, à maneira do que Dicke representa com Janis, uma jovem de vinte anos, rica, casada e ainda virgem até a morte, consciente a ponto de manifestar: “todos os sonhos que sonhamos em

vida voltam ausentes.” (DICKE, 2006b, p. 163)<sup>3</sup>. Para chegar a esta percepção, a personagem “aprendeu” mais de si com Belizário. Este personagem como o Cavaleiro da *Toada*, concentra o lado sensível da vida: contador de histórias, misto de filósofo, monge e médico, conduz a protagonista por caminhos esquecidos.

Interessa-nos na pesquisa do universo ficcional dickeano, como o insólito se instala e produz ressonâncias na subjetividade dos seres ficcionais. Para tanto, passamos agora ao exame mais detalhado de outro romance, *Último horizonte*. Todo o enredo gira em torno de uma única noite em que o protagonista um personagem/escritor-poeta, Jerombal Thauutes, é acompanhado mais no plano da imaginação pela também poetisa, doutora em física Kabira Asthar-te Flox, perfazendo uma longa noite dentro de casa, especificamente em sua biblioteca. As lembranças de outra noite pululam na insônia do personagem: a festa da família Von Krebs, no aniversário da filha de Margot, sobrinha da mulher do escritor. Jerombal é acompanhado pelo gato Tebas nas suas deambulações ingratas na madrugada enquanto observa o sono da mulher, da filha e o ronronar de Avuela. A voz sensual da locutora de rádio, Collette Thomas está presente nos instantes em que a presença fantástica do corvo marca o compasso do “tempo que sempre vem, sem que ninguém peça nem recomende” (DICKE, 1988, p. 43)<sup>4</sup>. Nessa noite longa sem sono, depois de tantas reflexões, encontros imaginários e diálogos possíveis, Jerombal cansa-se à medida que o dia se aproxima, levanta da poltrona na biblioteca e vai dormir. Registramos aqui que o inusitado do romance se passar numa única noite, o reverso do que temos em James Joyce com o *Ulisses*, amplifica as reflexões que a ficção provoca. O fato da visão de mundo apresentada no romance aparentemente se restringir ao espaço íntimo da casa, é muito singular que a ação/reflexão se concentre na biblioteca. Ali temos um mundo, o mundo contemporâneo em que a não compreensão impera, por isto é preciso “viajar” com o pensamento. Outro aspecto corrobora para pensarmos a literatura de Ricardo Dicke enquanto consciência universal, visto abarcar problemas que atingem o homem sozinho no mundo, pleno de liberdade, mas preso na incompreensão. Lembremos que o gato de curioso nome – Tebas – se mostra presente em todos os momentos, marcando um símbolo enigmático a ser decifrado, a vida pujante na narrativa.

Os formalistas russos já adiantaram, na determinação de certas “leis internas da arte poética”<sup>5</sup>, o fato de detectar o automatismo da percepção e ter em vista o papel renovador da arte. Nesta perspectiva o comum, o rotineiro nos impede de ver, sentir os objetos, por isto se faz necessário (na prática estruturalista) deformá-los para que nosso olhar se aproxime o mais possível,

<sup>3</sup> DICKE, Ricardo Guilherme. *Toada do esquecido & Sinfonia equestre*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006b

<sup>4</sup> DICKE, Ricardo Guilherme. *Último horizonte*. Cuiabá: Marco Zero/Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cuiabá, 1988

<sup>5</sup> TODOROV, Tzvetan. Présentation. In: *Théorie de la littérature* – textes des Formalistes russes. Paris: Éditions du Seuil, 2001

eis o objetivo das convenções artísticas. Contrariamente aos impedimentos do estruturalismo de olhar para os dados sociológicos, psicológicos ou qualquer outro pressuposto que não o texto literário, a literatura que ora nos ocupa, tem não somente uma preocupação com a forma, mas mostra uma aproximação com outras artes, a filosofia inclusive. Em Dicke há uma alta consciência do que o artesanato com as palavras pode surtir efeito, estético sobretudo, para chegar ou mesmo se aproximar da essência perdida para um universo banal mais que trivial. Portanto, não é pelo fato de deformar o cotidiano que o sentido se apresenta na narrativa dickeana, é antes utilizando-o como recurso expressivo de um mundo sem representação. É nesta linha de raciocínio que associamos ao romance *Último horizonte* como uma percepção diferente do cotidiano, de um homem que está no mundo e ao mesmo tempo fora dele; dispensa o barulho ao fazer uso do silêncio para viver mesmo que por poucas horas a vida de intensidade; está sozinho e acompanhado a um só tempo; embora sentado na biblioteca, “perambula” por outros mundos, situações, posições filosóficas e maneiras de “ler” a vida.

A essência de que trata Adorno em “Posição do narrador no romance contemporâneo”, algo duplamente estranho num contexto de estranhamento do cotidiano leva, no domínio da transcendência estética, ao desencantamento do mundo. Por isto comumente encontramos personagens sozinhos, apartados do convívio social e muitas vezes de si mesmos, algo um tanto esquizofrênico mas, pleno de sentido quando se trata de narrativas que se cercam da vontade de entender o que é estar vivo. Do encurtamento da trajetória existencial para um único dia, no caso, uma noite e com ela toda a atmosfera de mistério, se espraia a complexidade que anotamos na narrativa brasileira feita em Mato Grosso. O narrador que se sente à vontade neste universo de estranheza conforme pretende o mundo das convenções, preza o espaço interior; no mínimo chega-se ao máximo de suas possibilidades reflexivas. Ao que rompe os paradigmas da forma, vence por outro tanto a distância estética ao provocar o choque, sensação de inquietude visto não se tratar mais de resposta ao final do percurso. Ambiguidade, errância, são palavras caras a este universo em que se propõe o prazer na dissonância do esperado, abandono de posições e normas. Assim, a imagem que antes era nítida torna-se turva, fragmentos de vida é o que observamos em detrimento da inteireza do passado, tendência muito presente no texto dickeano.

Lenira Covizzi (1978)<sup>6</sup> ao pesquisar o insólito em Guimarães Rosa e Jorge Luís Borges é enfática em afirmar que a dúvida erige-se como posição necessária na nova literatura, ao que encaminha nossa interpretação a pensar o movimento inquiridor na direção do que a aparência engana. Ao tirar as máscaras – retomamos neste instante passagens da narrativa de Ricardo Dicke com relação ao tema: em *Toada do esquecido* os personagens usam máscaras durante o dia, fugindo da polícia, mais ainda de si mesmos; em diversos outros

<sup>6</sup> COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978

momentos de sua obra literária, Dicke constata que fazemos parte do horrível teatro do mundo – desvenda-se, portanto, um modo diferente de olhar ao espelho, por exemplo, o que significa olhar para a interioridade muitas vezes insatisfeita. Logo, se não temos grandes ações nem heroísmos para acompanhar ao longo dessa leitura literária, não é a falta de atitude algo condenável no que tange a uma explicação necessária. A ausência, falta por si só surge como diretriz para a compreensão da narrativa, ao lado é claro de uma desconfiança em ter alcançado uma explicação que se queira definitiva, embora expressa em níveis formais diferenciados.

Junto à expressão estética do escritor em estudo, chegamos ao romance *Rio abaixo dos vaqueiros*<sup>7</sup>. Narrado em forma de reminiscência por Aglae e Beatriz já velhas, as filhas do personagem o Velho, são tocadas por histórias cheias de segredos. A meditação mais intensificada aludida anteriormente conclama uma definição contrastante à imagem de claridade/esclarecimento de acordo com o que o insólito conclama. O aparecer da lua que poderia conotar a clareza requisitada é suprimida em: “horizontes que bramiam no anverso de uma noite em que tudo estava demais de perto e prestes a acontecer.” (DICKE, 2000b, p. 236). É notório na narrativa o contraponto existente entre o modo de ser dos dois protagonistas, um que inspira hostilidade e outro, harmonia. O Homem (Tutmés Salomon Jesualdo Dâmocles Eumólpio Nabucodonozor Vanderlove) dono de terras e homens sempre querendo mais, inclusive ser proprietário dos destinos alheios; o Velho também é dono de muitas terras e a fazenda que intitula o livro “Rio abaixo dos vaqueiros” é o limite que separa as duas visões sobre a vida. Em alguns momentos do livro, o Velho é denominado barão Von Tannenbaum, oriundo da Alemanha, este personagem tem muitos traços biográficos do escritor já que lembra o pai de Guilherme Dicke. O que tateia os horizontes indo de um personagem a outro é a eternidade que os sujiga a palmilhar um universo cheio de esperas (ressaltemos a importante denominação dos protagonistas, o Homem e o Velho, denotando a busca perene da humanidade em busca de compreensão). A vida dos filhos do Homem é repleta de mistérios, incestos, ele próprio é o crepúsculo de ações e perversidade. Os irmãos Betsabah, Gedeão, Saul perfazem um horizonte circular de relações proibidas que num primeiro momento são condenadas pelo pai ao expulsar todos da própria casa. Episódio que lembra Deus expulsando o homem do paraíso. É quando labaredas e precipícios formatam consciências. Obstáculos que se impõe na tentativa de cercar expectativas no romance, estar à beira ou à margem só aumenta anseios. O Homem que não sabe o que é o tempo na sede de acumular e o Velho tomado pela sequência de dias intermináveis, deseja algo mais expressivo, ser reconhecido, ter poder de mando, quer a sabedoria, nisso reside a faceta humana do personagem contrariando uma possível visão maniqueísta do romance.

<sup>7</sup> DICKE, Ricardo Guilherme. *Rio abaixo dos vaqueiros*. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 2000b

À tardezinha junto àquilo que vai embora com as distâncias, as camadas da vida entrecruzada de Betsabah, Gedeão e Saul, todos perseguidos impiedosamente pela mão do Homem rumam ao nada que a tudo consome. Da relação incestuosa de Betsabah e Gedeão nascem Cecília e Aléssia, vendidas por Evangelina para serem futuras esposas do Homem que tem um harém a fim de satisfazer suas vontades. Os filhos adotivos do Homem, Absalão e Lou-Salomé não escapam da mão vingativa do pai. Convergências que fazem o horizonte se transformar num abismo sem fundo junto do espaço em que os personagens de uma forma ou outra almejam estar: a fazenda Rio abaixo dos vaqueiros. Ali se faz o espelho crepuscular do poente. Saul tentando alcançá-la se pergunta: “Quem soubera de todas as coisas? Quem soubera de tudo? Só quem morreu, achava de repente, se encontrava no cerne das águas do encanto.” (2000b, p. 68). Entre encruzilhadas e serras, ilusões de fogo repercutem nos ocos labirintos em que estão os personagens. Em Rio abaixo os crepúsculos estão em agonia, os segredos são repassados de um a outro ao ponto dos horizontes se fazerem cerração. Círculos, neblina, morte anunciada enovelam a tarde quando tudo se concentra, se conglomera frente ao anoitecer. Nos páramos aprofundados, a paralisia indica não a calma, porém o adentrar e ao mesmo tempo se perder naquilo que não se alcança resposta. Na ilusão de ser vaqueiro (porque só os vaqueiros sabem o segredo das idades, da morte segundo a narração) à espreita, névoa e luz vêm dos horizontes indo em direção ao vazio, assim é o sentimento de Gedeão ao buscar o caminho do sol que declina lá de cima nos longes. Céu e Terra promovendo os horizontes intermináveis, infinito de uma procura feita pelos personagens desse romance. O Homem quer a todo custo matar seu filho Absalão porque deseja Lou-Salomé que ama o meio-irmão Absalão. Horizontes se fecham num momento resumido como a dor inteira de um homem. No âmagô, vida e morte se misturam quando entra um personagem distinto na história, o tocador de rabeca João Baaraboz. Envolto numa atmosfera de mistério, ele se faz presente nos momentos de maior intensidade dos acontecimentos, aconselha, insinua, convence, é visto como uma espécie de lenda, histórias de encantamento. Pela descrição das narradoras, o leitor constrói a imagem de João Baaraboz até chegar à semelhança do diabo, pois concretiza os desejos do Velho ao realizar com este um pacto. Ao mesmo tempo é uma figura ambígua, Absalão conclui dele: “eu ouvi João Baaraboz cantar e aprendi: chega uma hora em que a noite tem uma voz e se aperfeiçoa.” (DICKE, 2000b, p. 132).

Atrás dos horizontes com seu signo secreto, o sigiloso segredo é perseguido conforme suporta o mundo, tergiversa Gedeão. Destinos entrecruzados dos personagens, a densidade de suas vidas beira o avesso das coisas, contrários que se contrariam para além da hora do sol se pôr. Descaminhos, a vastidão à frente junto do desconhecido impele os personagens a irem ao encontro de contornos insuspeitos; coisas misteriosas sem dúvida, a evidência do insólito se impõe, mas o que atrai com mais força no dizer das narradoras Aglae e Beatriz é assistir a riqueza do sol se pôr. Para Absalão, através de um silêncio grave

e surdo ocorre o tempo de labirintos vazios ao galopar do horizonte feito de circunferências. Compreendemos a grandeza dessa obra porque além de tratar dos temas mencionados acima, há referência a cantores eruditos, clássicos, a grandes filósofos e pintores de várias gerações entre outros assuntos. Em *Rio abaixo dos vaqueiros* são feitos diversos questionamentos relativos a temas bíblicos, uma recorrência na literatura de Ricardo Dicke. No nível narrativo, sobressai a crítica a comportamentos, a ideia de culpa e salvação é passada de um a outro personagem demonstrando o quanto é relativa a ideia de pecado, o que também universaliza a narrativa ao estampar a faceta humana dos entes narrativos.

A obra de ficção contemporânea denominada nesta pesquisa de pós-moderna, investe na concepção do insólito revestido com a nomeação, excêntrico. Associado ao questionamento do aceitável em termos humanistas, ou seja, imagens de centro, fechamento, homogeneidade, exclusividade, origem e outros do mesmo campo semântico, questionar não significa negá-los. Nossa indagação é em termos de relação do excêntrico com a experiência que estes termos fazem pensar. O desafio à ordem e a coerência que o Pós-modernismo instala, faz ver o outro lado da moeda, o outro lado do espelho que a convenção faz questão de ignorar. A postura interrogativa da autoridade proporciona à ficção pós-moderna indagar o centro, por isso, é o excêntrico quem tem a prerrogativa na narrativa. Embora homens à margem por questões religiosas, sexistas, racistas, filosóficas, assumem um lugar de destaque ao passo que não se tornam o centro como na literatura anterior a essa nova roupagem. A descentralização amplia os horizontes, multiplica os pontos de vista e, num mesmo personagem, intensifica a imaginação, formata a tensão narrativa.

Em *Rio abaixo dos vaqueiros*, as narradoras Aglae e Beatriz assim como o narrador que arquiteta tudo pelas mãos do autor, formatam na narrativa o que Silviano Santiago<sup>8</sup> chama de narrador pós-moderno. Em outros termos, o narrador não está presente na história narrada, falta-lhe a experiência por isto, ele "(...) extrai a si mesmo da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, (...) [ou seja] ele não narra enquanto atuante" (SANTIAGO, 2002, p. 45). Algo bastante apropriado ao que acompanhamos na narrativa dickeana dividida em capítulos com cada personagem tendo o foco narrativo sobre si. Esse narrador que faz as vezes do excêntrico, primeiro aparece pela voz das irmãs Aglae e Beatriz que, através de um *flashback* recordam de seu pai adotivo, o Velho, e das estórias da família delas narradas por ele. A cada capítulo uma perspectiva diferente, muito costumeiramente as narradoras retornam ao final de cada parte opinando sobre o episódio contado. Cada foco narrativo instiga a leitura, paralisa ações em detrimento da reflexão, faz jorrar um fluxo de pensamentos tensionando a narrativa. Versam muitas vezes

<sup>8</sup> SANTIAGO, Silviano. "O narrador pós-moderno". In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002

acerca não só da história principal mas, misturam reflexões como a cogitação da existência de Deus, do homem, o amor, o ódio, a vida, a morte entre outras, como neste excerto:

Creio que a eternidade não tem águas, não tem nada, tem apenas tempo, e dentro do tempo as coisas, mas no fundo é um rio vazio que passa suas margens de bruma e silêncio, atravessando as cerrações das vidas, milhares de dias e noites que passam que vão passando eternamente, sem começo e sem fim, rumo ao nada, para sempre, como uma espécie de castigo, eternidade tanto para os que já morreram como para os que estão vivos... Porque será que existem o dia e a noite da eternidade? Dias e noites profundos como buracos ocos, vazios, porejando do infinito, aglomerados transcorrendo sem fim, sem aparente finalidade (...) (DICKE, 2000b, p. 54).

Nesta reflexão empreendida pela personagem Cecília, temos uma indagação sobre a eternidade, suas dúvidas da existência desta. Isto encaminha a que pensemos em contradições, paradoxos enquanto temos em vista noções descentralizadas para pensar o universo em que o homem se vê desamparado, sem explicações para o que lhe angustia. A contrapartida oferecida pela literatura vai ao encontro de identidades contextualizadas em bases da diferença, cada um com seu ponto de vista, torna específico o que é do campo pós-moderno. O romance *Rio abaixo dos vaqueiros*, tomado aqui enquanto testemunho de um tempo em que as certezas ruíram e as verdades se multiplicam, faz do insólito, o excêntrico a se observar. Linda Hutcheon<sup>9</sup> (1991) vai mais longe e busca outros nomes para qualificar tal perspectiva narrativa, para ela também pode ser chamado de “híbrido, heterogêneo, descontínuo, antitotalizante, incerto” (p. 87). Como vimos, o livro de Ricardo Dicke segue nessa direção ao ampliar os horizontes reflexivos. Insegurança, medo, incerteza e dúvida perfazem o caminho formador dos personagens, situação incômoda vista pelo narrador. Em se tratando de uma obra dickeana nada é gratuito. Então, podemos entender a busca por algo além do palpável, enquanto transcendência, na perquirição a respeito da vida da alma após a morte, o que pode significar que a vida humana não termina nesta dimensão.

Outro romance de Ricardo Dicke que nos situa na contemporaneidade uma vez que evidencia a busca do homem em meio ao vazio ou o nada que a sua essência ou consciência insiste em invocar, é *O salário dos poetas*<sup>10</sup>. Neste temos descortinada a vida de Alfredo Augusto Barahona, um ex-ditador do Chileraguay exilado no Brasil. Após ser atingido por uma bala de prata, este personagem padece de uma longa agonia rememorando o que para ele foi seu grande “feito” para a história da humanidade: seus 40 anos de governo junto de toda espécie de arbitrariedade e privilégios na manutenção do poder. Nesse

<sup>9</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

<sup>10</sup> DICKE, Ricardo Guilherme. *O salário dos poetas*. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 2000a

lugar de entremeio que é a vida/morte do general, ao ser massacrado com as lembranças dos horrores cometidos, ele adquire consciência do que é estar vivo. No quase dia/noite interminável experimentado por Alfredo Augusto aflora sua incapacidade de fugir do passado.

Além das lembranças que atormentam a curta perspectiva de vida do ditador, outra obsessão se faz presente no romance: sua insistência em trazer à luz o livro escrito ao longo do governo em Chileraguay, ao qual intitulou “A morte de Sardanapalo”, inspirado no quadro de Eugène Delacroix. Para isso precisa de auxílio profissional e é o Professor Florisbelo Frois quem se incumbem da tarefa de organizar/traduzir o material, oportunidade ímpar que tem de contar os fatos segundo sua ótica. Com a lentidão propícia à reflexão, o leitor logo percebe a voz narrativa de Florisbelo Frois conduzindo os acontecimentos localizados na fazenda Anhangá, município da fictícia cidade Portos de Cabra próxima de Cuiabá onde “quase sempre é de tarde ou de noite”. É este personagem quem presta atenção a tal imagem, escuta seus ecos, percebe que os horizontes se fecham aos poucos sobre Alfredo Augusto, abafado que está pela grandeza distante que seu livro poderia oferecer. O quase crepúsculo que se torna um baú circular, às vezes são redes entrelaçadas do dia cercando a noite fazendo vibrar o para além da duvidosa glória de Barahona. No auge da grande transição que vive o ditador na visão do poeta e professor Frois, o ditador externa seus pensamentos junto de Caravajo Lóis. Assim começa os efeitos das “horas do entardecer, suculentas de insondabilidade”, como estes anunciados na questão: “Coisas. Por exemplo: por que esses vaga-lumes saem assim em bando quando anoitece, justo nesta hora que eu também gosto, que eles também amam, que os espíritos escolheram, em direção de onde, cheirando o quê?” (2000a, p. 113). Segredado por vazios, abismos de toda sorte, agonia e náusea de existir aumentam ao ponto de Barahona querer a morte e ter que suportar a vida. Isto se transforma numa condição fundamental para podermos compreender o primeiro plano na narrativa do poeta e o plano de fundo feito pela narração do ditador; estipulado, a proximidade na observação da vida concomitante à distância provocada pela criticidade judiciosa do leitor com relação às atitudes do general, preveem o que não se pode divisar.

Ora, se os horizontes são solitários no romance *O Salário dos Poetas*, não falta àquele que o aprecia ir de perspectiva em perspectiva construindo uma visão – a criação poética na obra de Ricardo Dicke – de acesso ao desconhecido. Como já afirmamos não é algo generalizado em todos os personagens, nesta narrativa em específico cabe aos poetas o lugar do entremeio visto se postarem no Imanifestado e o Manifesto. A sensação de estar sempre na véspera produzida pelo horizonte marca a vastidão, o desocultamento a ser efetuado inclusive das memórias dos mortos nos regimes ditatoriais dos quais Barahona é o esteriótipo. Prelúdios imersos nos pensamentos do general detectados pela sensibilidade do professor, o esplendor secreto da vagueação determina o caminhar sem glória nem glamour a que os horizontes encenam. Lugar cheio de fronteiras, ressonantes de segredos, o sol do lado do mundo material é irre-

levante para homens como Alfredo Augusto e todos aqueles que não atentam no movimento empreendido. Para estes o deitar do sol é visto com indiferença, enquanto para os poetas é a demarcação do lado da vida, o entoar do último canto de rebelião contra o que está posto. O chamado meio-dia dos horizontes n' *O Salário dos Poetas* é também onde dormem os segredos de onde é preciso haurir sabedoria e conhecimento no estado enigmático do eu que fala no romance. O tempo, os dias perdidos dentro do mundo de coisas vazias de sentido se faz mais forte diante da vontade de compreender manifestada tanto pelo general quanto pelo poeta, cada um na sua especificidade. Horizontes distintos, disponíveis neste mundo de reflexões, a subjetividade no romance é propícia ao olhar destituído de ilusões. Quando os crepúsculos crepitantes anunciam seus efeitos, o eu que se intitula a poesia da vida, só se manifesta na sua inteireza aos raios do sol que se põe. O que inclui acolher todo o significado a que não se chegou. A imprecisão em vista, o fim para onde se direciona ao início perfaz o ritmo dos horizontes. Não o movimento esperado, repetido de todos os dias e sim a capacidade de decifrar sempre em jogo, sempre um risco a correr, uma vez que ele não consegue compreender os valores tanto sociais quanto individuais, a cultura pós-moderna, bem como toda a transformação que está ocorrendo no mundo.

Entretanto, o homem pós-moderno anseia por uma explicação que o tire dessa agonia e o conforte. Em razão disso, pela vida afora sempre sentirá um vazio, falta e assim coloca-se em busca de algo que o complete e preencha a insatisfação causada outrora. Quando este vazio é finalmente preenchido eis que surge uma nova falta, tendo em vista que a vida é um ciclo que sempre gira em torno do desejo do homem, ou melhor, da falta que este sente e a necessidade de supri-la.

O homem através da razão passou a olhar os problemas de diversos ângulos, conforme encontramos em Ricardo Guilherme Dicke. Tal tendência, inspira a pensar que

Não se pode colocar a ideia de bem ou mal em se tratando da essência humana, pois ela aparece pelo esforço de preservação e expansão do ser que está em união entre alma e corpo. É a particularidade, é ser uno em contraposição com as ideias generalizantes, o objeto do conhecimento reflexivo (MACHADO, 2008, p. 271)<sup>11</sup>.

Embora a unidade que se aluda não tenha relação direta com o dado humanista volta à homogeneidade do pensamento, o uno se refere à singularidade de pensar por conta própria. Avanços e recuos na narrativa são um desafio ao leitor que se depara com a diferença de modos de pensar, ser, atuar num mundo regido pela falta de lógica, pelo menos aquela provinda da racionalidade. Neste sentido, encontramos o pensamento da personagem o Velho sobre

<sup>11</sup> MACHADO, Madalena. "A condição humana nadificada." In: SILVA, Agnaldo Rodrigues (Org.). *Diálogos literários*. São Paulo: Ateliê Editora, 2008

a alma. “Minha alma vale muito, vale tudo, até o Céu e a Terra, até a graça de Deus, minha alma vale o Universo inteiro” (DICKE, 2000b, p. 194). A personagem valoriza a sua alma, pois acredita que através dela chegará a ser imortal, sendo assim, a vê como algo precioso, uma vez que, segundo ele, somente a alma empreende uma viagem prolongada para além da condição humana. O que nos leva à compreensão segundo a qual a:

(...) ação humana, na vida sentimental e intelectual, na sua reivindicação em exercer o domínio espiritual, a literatura do século XXI põe em relevo as condições de sensibilidade aduzida naqueles ideais. É um modo de enxergar o homem, as coisas, a natureza, possibilitando-os a falar por si, deixar fluir a emoção da própria invenção; sem condicionamentos, sem regras da razão objetiva, o que prevalece é ser de forma integral, consciente do velamento possível quando há um desvelamento à vista (MACHADO, 2008, p. 270).

Constatamos no que concerne ao narrador pós-moderno que este se afasta da narrativa para dar maior autonomia à interpretação do leitor, bem como a utilização de alguns recursos na narrativa como: *flashback*. As questões suscitadas pelas próprias personagens nos romances dickeanos ocorrem num processo de busca interior na qual sua existência é posta em reflexão, através da busca espiritual pela compreensão de si no mundo. O conflito, a angústia cada vez mais latente que o homem vive nas narrativas encaminha a um sentido poético em que pese a originalidade nos modos de pensar e ser do *homo fictus*. Pensamentos tais, como podemos compreender a vida e seus mistérios, que nos angustia e ao mesmo tempo nos encantam, estendem a necessidade de ver o tempo, a vida, a morte num processo que exige interação com os demais seres vivos e o que a literatura apresenta-nos em relação a estes fatos.

## MACHADO, M. THE UNUSUAL IN RICARDO DICKE

### **Abstract**

*In critical reading of Ricardo Dicke specifically identified as the category of unusual inadequate ways of seeing and feeling life. Novels and stories still little known to the general public are our raw material for discussion of poetic thought this fictional production. Estrangement and misunderstanding in this context the tone of a literature that is primarily knowledge. The eccentric is also strange that in our research, including sticking to the assumptions of postmodernism, according to which the hybrid, discontinuous and uncertain shape the literary text in a world of tangency creased the difference.*

### **Keywords**

*Unusual; narrative; Ricardo Dicke; postmodernity.*

## Referências

- ADORNO, Theodor W. "Posição do narrador no romance contemporâneo". In: *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2006
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978
- DICKE, Ricardo Guilherme. *Último horizonte*. Cuiabá: Marco Zero/Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cuiabá, 1988
- \_\_\_\_\_. *O salário dos poetas*. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 2000<sup>a</sup>
- \_\_\_\_\_. *Rio abaixo dos vaqueiros*. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 2000b
- \_\_\_\_\_. *Toada do esquecido & Sinfonia equestre*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006b
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- MACHADO, Madalena. "A condição humana nadificada." In: SILVA, Agnaldo Rodrigues (Org.). *Diálogos literários*. São Paulo: Ateliê & UNEMAT Editora, 2008
- SANTIAGO, Silviano. "O narrador pós-moderno". In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002
- TODOROV, Tzvetan. Présentation. In: *Théorie de la littérature – textes des Formalistes russes*. Paris: Éditions du Seuil, 2001

## Bibliografia

- DICKE, Ricardo Guilherme. *Deus de Caim*. Rio de Janeiro: Edinova, 1968
- \_\_\_\_\_. *Caieira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978
- \_\_\_\_\_. *Madona dos páramos*. Rio de Janeiro: Antares, 1981
- \_\_\_\_\_. *Cerimônias do esquecimento*. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995
- \_\_\_\_\_. *Conjunction oppositorum no Grande Sertão*. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 1999
- \_\_\_\_\_. *Deus de Caim*. 2<sup>a</sup> ed. Cuiabá: afábrika, 2006<sup>a</sup>
- \_\_\_\_\_. *Madona dos páramos*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2008
- \_\_\_\_\_. *A proximidade do mar e a ilha*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011
- \_\_\_\_\_. *Cerimônias do sertão*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011

\_\_\_\_\_. *Os semelhantes*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011

\_\_\_\_\_. *O velho moço e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011

MACHADO, Madalena e MAQUÊA, Vera. (Org.). *Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes*. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2009

MIGUEL, Gilvone Furtado. *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007

**O FANTÁSTICO E A  
CATEGORIA DO ESPAÇO  
NARRATIVO**

